

## 6

### Considerações sobre o trabalho e apontamentos para o futuro

Neste trabalho procuramos, através de uma abordagem ensaística, composta muitas vezes de digressões, que se entregou ao calor das idéias e das questões que abordamos no trabalho, analisar questões contemporâneas, principalmente relativas ao cinema brasileiro. Ao colocarmos a questão da forma de abordagem dos objetos que foram estudados nesta dissertação, ficamos diante da força e da fraqueza deste trabalho. A força está na ousadia em abordar questões que pouco foram abordadas pela academia, inclusive trazendo à tona um objeto ainda inédito em análises acadêmicas, ao menos até onde pudemos pesquisar, que é o filme *Insônia*. Outros temas que trouxemos à baila, alguns mais estudados, outros menos, e que consideramos como importantes, a ponto de necessitarem de um aprofundamento em seus estudos, talvez na forma de artigos acadêmicos para alguns temas, dissertações de mestrado para outros e até teses de doutorado, são: a importância da internet como veículo de circulação para novas idéias sobre cinema, através das revistas que vêm surgindo na web (e ainda deixamos de mencionar em nosso trabalho os vários *blogs* sobre cinema que vêm se multiplicando pela rede). Tal circulação se dá fora tanto da grande mídia tradicional quanto da academia (apesar do contato que alguns dos integrantes dessas revistas possuem com o meio acadêmico), além do papel da internet como fomentadora de uma cinefilia, através do *download* de filmes, cinefilia que opera fora dos locais tradicionais, as salas de cinema, as cinematecas; a questão da preservação e da divulgação do acervo audiovisual brasileiro, hoje em dia de circulação muito restrita, o que dificulta qualquer pesquisa; a tentativa de buscar novos parâmetros para uma historiografia do cinema brasileiro que fuja daquela, de orientação modernista, instituída pelo Cinema Novo; entender esse novo realismo que é praticado hoje pelo cinema brasileiro e pelo cinema internacional e que foge daquele “realismo” que era visto em filmes como *Vidas secas*, influenciado pelo neo-realismo italiano e, principalmente, o que seria o maior

desafio e questionamento levantado pela dissertação: a possibilidade do cinema ser uma maneira de pensamento semelhante ao ensaio literário.

A fraqueza que nos incomodou um pouco ao lermos o conjunto do trabalho é que o estilo da escrita, em muitos momentos, não alcança a qualidade estética, a **forma** necessária ao ensaio, ficando ainda muito preso a um estilo de escrita acadêmica. Para que este trabalho realmente possa ser classificado como um ensaio, deveria possuir uma escrita mais afinada à forma do ensaio, cujo nosso “modelo”, no ensaio em língua portuguesa, é aquele alcançado por Gilberto Freire em *Casa grande e senzala*. Na escrita ensaística sobre cinema, podemos destacar, no Brasil, dois nomes, sem entrar no julgamento das idéias vinculadas em seus escritos: Glauber Rocha e Ismail Xavier. Glauber foi um dos poucos cineastas brasileiros, ao lado de Alberto Cavalcanti e Rogério Sganzerla, que produziu escritos e reflexões sobre cinema. A figura de Glauber Rocha, que também praticou ensaísmo através de seu cinema, é sempre um problema em se tratando de qualquer estudo sob cinema brasileiro. Neste trabalho mesmo, em que pese o desejo de certo revisionismo em relação aos escritos de Glauber, não tivemos como fugir de seu pensamento, que permanece presente de maneira quase que imperativa ao estudarmos o nosso cinema. O pensamento de Glauber Rocha, assim como seus filmes, são uma espécie de “pedra-no-meio-do-caminho” nos estudos sobre cinema brasileiro. Outro nome que destacamos é o do professor da USP Ismail Xavier, que vem produzindo vários ensaios sobre cinema e sobre cinema brasileiro nos últimos trinta anos, destacando-se: *Sertão Mar: Glauber Rocha e a estética da fome*, originalmente sua tese de doutorado, orientada por Antonio Candido na USP e *O cinema brasileiro moderno*, no qual traça uma história do “cinema de autor” no Brasil. Assim como o pensamento de Glauber, do qual é tributário, o de Ismail é um elemento complexo para quem busca analisar cinema brasileiro fugindo dos parâmetros da alta cultura seguidos por Ismail Xavier.

Em relação aos livros de Graciliano que originaram os filmes, procuramos tentar mostrar alguns aspectos que, além da própria escrita, fazem de Graciliano Ramos um escritor extremamente atual, um escritor para além de rótulos como “modernista” e “regionalista”. Se começássemos hoje a escrever esta dissertação, daríamos menos espaço à literatura, aos livros de Graciliano, deixando mais espaço para os filmes e para o cinema. Possivelmente faltou a este trabalho

assumir mais a condição de um trabalho sobre cinema, um cinema feito a partir da literatura, mas, no fim das contas, um trabalho sobre cinema brasileiro. A questão aqui não é de valores ou de gosto entre o cinema e a literatura e sim de um maior conhecimento sobre o assunto cinema e sobre o qual é, afinal, o objetivo do trabalho. O contato com a literatura de Graciliano Ramos foi, apesar de nossa pouca experiência em análise literária, bastante prazeroso, sendo ele um escritor que, assim como Machado de Assis, realizou uma literatura de ficção na qual o pensamento de forma ensaística está presente. Acreditamos que Graciliano continua sendo um autor para o qual o cinema brasileiro poderia retornar, numa chave diferente daquela dos filmes estudados nesta dissertação.

O que sentimos mais falta no decorrer deste trabalho foi ter contato com uma bibliografia mais ampla referente ao cinema brasileiro, sentimos uma enorme lacuna a esse respeito, consideramos muito restrita a bibliografia sobre o assunto, tanto em quantidade como, principalmente, em qualidade. Ficamos muito restritos aos poucos títulos que existem e necessitamos, muitas vezes, apelar para fontes heterodoxas como artigos na internet e nossa própria experiência no contato com pessoas ligadas ao cinema e ao próprio cinema.

Para encerrar, gostaríamos de citar aqui um pequeno trecho de Humberto Mauro sobre o cinema, transcrito por Glauber Rocha:

Kynema nagrava o metafórico Humberto Mauro: - Cinema, David, é cachoeira, representação cósmica da nossa fantasia...O Cavalcanti vai fazer in San Paulo uma tentativa roliudiana... Veja você, sou fazendeiro, fiz meu studiozinho aqui em Volta Grande, no sertão de Minas, com muito sacrifício, sem apoio nem do capital nem do Estado... Cavalcanti viveu na Europa mas depois que ficou rico e famoso voltou recebido por Presidente, Conde e General... (ROCHA, 1981)